

Centro de Ensino Fundamental 01 de Planaltina

PROJETO “DIVERSIDADE NA ESCOLA”

Brasília
setembro de 2013

Centro de Ensino Fundamental 01 de Planaltina

PROJETO “DIVERSIDADE NA ESCOLA”

Projeto Escolar com vistas ao concurso “9º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero 2013.

Coordenador do Projeto: Professor Alexandre Magno Maciel Costa e Brito

Brasília
setembro de 2013

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	4
2 –Justificativa	4
3 - Objetivos	5
4 - Metodologia	6
5 - Embasamento Teórico.....	12
6 - Potencial de Impacto.....	13
7 - Resultados imediatos.	14
8 - Perspectivas de continuidade e sustentabilidade do trabalho.....	14
9 – Referências Bibliográficas.....	15
10 – Anexos.....	16

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo” (Mandela)

INTRODUÇÃO

As lutas por igualdade e respeito às diferenças têm sido constantes em vários setores da sociedade, entre eles, e talvez o mais importante, encontra-se o ambiente escolar, que se apresenta como o lugar da mudança, das falas diversas, do universo em transformação e de um devir que nos espera cotidianamente. As discriminações de gênero, étnico-racial e por orientação sexual, são dilemas que, para serem resolvidos, precisam ser desnaturalizados e esse processo de desnaturalização passa, necessariamente, pela informação séria que instrumentaliza professores/as e outros setores das unidades de ensino no desenvolvimento de projetos voltados ao respeito da pluralidade (característica fundamental da escola) e enfrentamento a todo tipo de preconceito que se apropria das falas e atitudes das pessoas no espaço escolar. Como afirma Mary Garcia Castro, pesquisadora da UNESCO:

“Há que se estimular os professores [e professoras] para estarem alertas, para o exercício de uma educação por cidadanias e diversidade em cada contato, na sala de aula ou fora dela, em uma brigada vigilante anti-racista, anti-sexista, [anti-homofóbica] e de respeito aos direitos das crianças e jovens, tanto em ser, como em vir a ser; não permitindo a reprodução de piadas que estigmatizam, tratamento pejorativo (...)” (CASTRO, 2005)”.

JUSTIFICATIVA

O Centro de Ensino Fundamental 01 de Planaltina (Centrinho) acolhe alunos da Educação básica, séries finais. No corrente ano, até o momento, tem efetivada a matrícula de 1475 (um mil quatrocentos e setenta e cinco) alunos que estão distribuídos nos três turnos: matutino, vespertino e noturno. Conta também com quatro salas de recursos para alunos surdos, deficientes visuais, intelectuais e para os alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos) especial (alfabetização, séries iniciais e séries finais que funcionam no turno matutino e vespertino). As salas de recursos para surdos, deficientes intelectuais e EJA atendem os alunos da própria escola, no turno inverso ao que estudam, e a de DV (Deficientes

Visuais) atende aos alunos da escola e os que estudam em outras unidades de ensino, urbanas e rurais, pertencentes à CRE de Planaltina e particulares (locais) que tem alunos cegos e/ou com baixa visão. Com relação ao número de funcionário da escola, aproximadamente 153 pessoas trabalham todos os dias.

Um ponto importante com relação ao Centrinho é o fato de não ser uma escola de comunidade, pois a grande maioria dos/as alunos/as mora muito distante da escola. Essa questão territorial torna a realidade da escola ainda mais diversa. Se olharmos para esse breve histórico percebe-se que vários fatores apontam sua realidade para diversidade e pluralidade, potencializando também a necessidade de se desenvolver projetos voltados a inclusão e outras temáticas.

Nesse sentido problemas relacionados às questões de binarismo de gênero, seja com relação às mulheres no que diz respeito à violência ou aos seus direitos, com relação ao universo LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) por meio da homofobia, sempre foram comuns no cotidiano escolar. Assim, se fez necessária a criação de um projeto que atendesse a demanda de grupos que historicamente carecem de visibilidade, respeito, equidade e proteção.

OBJETIVOS

A partir de ações educativas elaboradas coletivamente, o projeto *Diversidade na Escola* se organiza a fim de:

- Promover ambiente de respeito na escola, para que a diferença não seja tratada na óptica da exclusão, do desrespeito e da violência.
- Desenvolver, a partir dos conteúdos ministrados a respeito de GÊNERO, SEXUALIDADE e RAÇA, atividades que primem pela equidade, respeito e valorização dos seres humanos.
- Desenvolver atividades a respeito das leis 10.639/2003 e 11.645/2008¹.
- Desenvolver atividades a respeito da Lei Maria da Penha (Lei Nº 11.340/2006), atendendo a *Recomendação Nº 2/2013 – CEDF*².

¹ Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

- Promover estudos a respeito de *bullying*, como forma de orientar os/as alunos/as diante dessas práticas de violência e, ao mesmo tempo, contribuir para que ele/ela possa diferenciar o *bullying* do sexismo, da misoginia, do racismo e da homofobia.
- Envolver alunos/as, funcionários/as e famílias/comunidade em discussões/eventos a respeito da diversidade e seus dilemas, buscando sempre a transformação da escola em um lugar da liberdade, do respeito e da boa convivência, sem que se interfira nas diferenças, porém com foco nas desigualdades.
- Lutar contra o preconceito institucionalizado que se apodera da rede de ensino da qual fazemos parte, criando diálogo direto com a Coordenação Regional de Ensino de Planaltina – Distrito Federal e com outras escolas, compartilhando experiências, contribuindo com a criação de projetos, seminários, palestras, com o intuito de fortalecer o discurso voltado à diversidade.

METODOLOGIA

O “*Diversidade na Escola*” está entre as ações que fazem parte da construção do Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino Fundamental 01 de Planaltina (Centrinho) no ano de 2013, e traz como aspecto relevante a inclusão por se tratar de uma escola que atende alunos portadores de necessidades especiais e que tem em seu perfil a educação voltada ao convívio harmônico e respeito às diferenças, levando acessibilidade aos que necessitam dela. Dentro dessa perspectiva de respeito ao outro, entende-se que *visibilidade, tratamento digno e medidas diferenciadas aos diferentes* contribui com o alcance da equidade, acesso e respeito.

É importante ressaltar que a implantação do projeto “*Diversidade na Escola*” tem sido feita de forma gradativa com os/as alunos/as dos três turnos (matutino, vespertino e noturno), incluindo as turmas de classe especial, e sua execução acontece por meio de aulas expositivas, dinâmicas, músicas e vídeos voltados para as questões de *GÊNERO, SEXUALIDADE e RAÇA*. O projeto foi idealizado a partir de demandas apresentadas pela sociedade no que diz respeito à diversidade e sua importância dentro do ambiente escolar, atendendo, também, à

² Dispõe sobre o artigo 19, inciso VI, da Resolução nº 1/2012-CEDF que estabelece, como conteúdo dos componentes curriculares obrigatórios da educação básica, os direitos da mulher e outros assuntos com o recorte de gênero, nos currículos dos ensinos fundamental e médio.

Resolução nº 1 de 2012 do CEDF (Conselho de Educação do Distrito Federal) ³ que determina:

Art. 19. Constituem conteúdos dos componentes curriculares obrigatórios da educação básica:

I - História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nos ensinos fundamental e médio, ministradas no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de arte e de literatura e história brasileira;

(...)

VI - Direitos da mulher e outros assuntos com o recorte de gênero nos currículos dos ensinos fundamental e médio.

A sua construção e execução podem ser vistas como resultado de vários questionamentos que se apresentam de forma pertinente acerca da pluralidade vivenciada na escola e que por esse motivo necessita de olhares mais plurais. A partir daí, várias perguntas foram sendo feitas: Que nome representaria nosso anseio com relação à diversidade? Qual seria o local de fala no qual o projeto seria articulado? Como inserir tais temáticas nos espaços dos componentes curriculares? Como seriam tratadas as questões de gênero, sexualidade e raça dentro de uma dinâmica em que todos os eixos fossem contemplados? Como seria adaptada a linguagem de acordo com as necessidades dos alunos? Que tipos de recursos seriam utilizados para implantação e execução do projeto? Quais redes internas e externas poderiam dar eficácia às ações pedagógicas? Como envolver professores nas temáticas da diversidade?

Após a escolha do nome do projeto “*Diversidade na Escola*”, foi feita a análise de quais componentes curriculares poderiam oferecer o espaço necessário para tais temáticas. O escolhido, a princípio, foi a disciplina de Parte Diversificada (PD) que contava com duas aulas semanais no período vespertino e uma aula no período noturno, porém, a partir do 3º bimestre, no período matutino houve a adesão de Ensino Religioso (ER), contando com uma aula semanal. A adesão do Ensino Religioso no projeto possibilitou que o número de alunos, que de alguma forma discutisse em sala de aula as questões da diversidade, aumentasse. As disciplinas deram ao projeto qualidade de matéria da grade curricular, permitindo inclusive

³ Estabelece normas para o Sistema de Ensino do Distrito Federal, em observância às disposições da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

sua avaliação formal. Nesse primeiro momento, a organização do formato utilizado e a forma como seria aplicado, foram favorecidos pelas coordenações pedagógicas semanais, onde se produziria os materiais necessários e o planejamento coletivo das aulas que seriam ministradas.

As primeiras aulas do ano de 2013 foram fundamentais para que se pudesse entender como os/as alunos/as compreendiam o que era ser “homem” e ser “mulher” na sociedade. Por meio de debates, atividades discursivas, pôde-se verificar que os olhares dos/as alunos/as estavam voltados totalmente ao corpo, como se os comportamentos fossem todos naturais, onde os corpos ditassem os caminhos a serem seguidos por todos/as. Para isso foi necessário trabalhar o universo simbólico do “masculino” e “feminino” desde a sua construção e imposição já nos primeiros anos de vida, desde os nomes, cores, brinquedos, comportamentos.

É muito interessante presenciar uma desconstrução que vem sendo criada historicamente, sobretudo com relação às questões da construção de “homens” e “mulheres”, em uma sociedade que prima pela assimetria de gêneros, onde o masculino se encontra completamente investido pelo poder e o feminino coberto pela fragilidade. Ao mesmo tempo é fundamental compreender que dentro desse modelo imposto por uma sociedade machista e patriarcal, realmente a mulher se encontrará completamente fragilizada e que essa mudança só ocorrerá por meio de uma *nova consciência*, como afirma *Gloria Anzaldúa*⁴:

A uma determinada altura, no nosso caminho rumo a uma nova consciência, teremos que deixar a margem oposta, com o corte entre os dois combatentes mortais cicatrizado de alguma forma, a fim de que estejamos nas duas margens ao mesmo tempo e, ao mesmo tempo, enxergar tudo com olhos de serpente e de águia. Ou talvez decidamos nos desvencilhar da cultura dominante, apagá-la por completo, como uma causa perdida, e cruzar a fronteira em direção a um território novo e separado. Ou podemos trilhar uma outra rota. As possibilidades são inúmeras, uma vez tenhamos decidido agir, em vez de apenas reagir.

Antes de se trabalhar os conceitos, foi trazida a angústia do universo em que meninos e meninas, partindo da construção biológica de gênero, são separados em alguns modelos educacionais, através do texto publicado pela Carta Fundamental, intitulado “Meninos para

⁴ **Glória Anzaldúa** (1942-2004) foi uma autora norte-americana, nascida no Texas, que contribuiu de forma valiosa para os estudos que interseccionam, dentro do feminismo, a categoria mulher com outras tantas categorias, dentre elas podemos citar as seguintes: “raça”, “cor”, “região...”

cá, meninas para lá”, em que a configuração oferecida pela Escola do Bosque/Mananciais, situada em Curitiba, dividia a escola por sexo. A reação por parte dos alunos após a leitura do texto foi imediata, abrindo a possibilidade de se desenvolver uma dinâmica na qual eles mudavam de lugares equilibrando as disposições de meninos e meninas em sala de aula.

Por meio da utilização de um glossário o projeto avançou muito com relação à apropriação de conceitos que eram fundamentais na desconstrução das relações baseadas na biologização, por parte dos alunos e até mesmo dos professores. Dentre os conceitos trabalhados, destacamos os seguintes: Gênero, identidade de gênero, expressão de gênero, sexo biológico, orientação sexual, preconceito, Direitos Humanos, patriarcado, assimetria de gênero, misoginia, homossexualidade, bissexualidade, heterossexualidade, travesti, transexual, transgênero, homofobia e tantos outros. Depois de apropriados, foi feita discussão e reflexão de como tais conceitos são articulados na sociedade resultando na assimetria de gênero, misoginia e homofobia e outras violências.

Outro recurso utilizado e a princípio impactante para os/as alunos/as e que fizeram alguns pais, mães e responsáveis se manifestarem foi a utilização de filmes (dois curtas e um documentário) que abordavam temas relacionados a homossexualidade, inclusão, travestilidade e troca de papéis de gênero. Em todos os casos em que as famílias se manifestaram contra o projeto, o embasamento utilizado foi a religiosidade (cristã), a moral (heteronormativa) e a família (tradicional). É muito importante ressaltar que dentre as justificativas dadas às famílias, reiterou-se que não era parte dos objetivos do projeto orientar alunos/as com relação às questões particulares de sexualidade e religiosidade, mas, a partir do conhecimento e da existência de tais questões na sociedade, promover ambiente de respeito e harmonia em relação às diversas realidades existentes na escola.

A abrangência dos temas permitiu que várias temáticas fossem articuladas ao mesmo tempo, como gênero, sexualidade e raça. Dessa forma percebeu-se que os dilemas de exclusão/subordinação eram potencializados quando se tratavam de negros/as. Os/as próprios/as alunos/as perceberam que era necessário o aprofundamento em algumas questões, já que as mesmas faziam parte do cotidiano da escola e precisavam, também, ser vistas por meio da óptica dos Direitos Humanos. Prontamente os/as alunos/as refletiam sobre a presença da diversidade dentro e fora da escola e muitas vezes se espantavam com o comportamento preconceituoso, violento e excludente no qual os *diferentes*⁵ eram tratados.

5 Trato aqui no campo das diferenças aqueles que não atendem aos modelos impostos por uma sociedade racializada em que o padrão seria o branco, cristão e heterossexual.

As informações recebidas pelos/as alunos/as através das aulas foram fundamentais para que algumas desconstruções fossem feitas, inclusive com relação à utilização do conceito de *bullying*, que era utilizado como única forma de se compreender as violências sofridas, principalmente no ambiente escolar. Através daquilo que estava sendo apropriado pelos/as alunos/as, e pela mudança dos olhares da maioria, compreendeu-se que o conceito de *bullying* não respondia a todas as questões de violência dentro e fora da escola e que era necessário manter o olhar atento ao sexismo, homofobia e racismo, tudo isso presente nas relações aparentemente sutis, mas que silenciam e violentam, fortalecendo discursos morais/religiosos que humilham, diminuem, acuam e fragilizam pessoas.

Um fator que chamou muito a atenção durante as aulas foi o assunto violência contra as mulheres, primeiro porque fazia parte do cotidiano de muitos/as alunos/as e segundo porque, com relação a essa temática, havia a Lei Maria da Penha, trabalhada através de vídeos, músicas e pela cartilha disponibilizada pelo GDF – Governo do Distrito Federal. Trabalhar a violência contra mulher trouxe para sala de aula a preocupante constatação de violência sofrida por alunos/as e suas famílias e ao mesmo tempo fez crescer a possibilidade que os/as mesmos/as, vítimas de graves agressões, encontrassem na lei o amparo e o meio de virarem o jogo com relação aos/às agressores/as.

O estudo dos direitos das mulheres por parte do projeto Diversidade na Escola ganhou projeções com relação à mídia, porque ao mesmo tempo em que tais assuntos vinham sendo trabalhados em sala, uma Recomendação do CEDF – Conselho de Educação do Distrito Federal obrigava as escolas a inserirem essas temáticas em seu currículo. Essa projeção pode ser percebida com as reportagens feitas na escola, pela TV Bandeirante (no dia 02/09/2013), pelo *Correio Braziliense* (no dia 09/09/2013)⁶, pela *TV Globo* (no dia 23/09/2013)⁷ com a presença da Secretaria de Estado da Mulher do Distrito Federal, Olgamir Amancia Ferreira, pela Universidade de Brasília em gravação de DVD do curso de extensão GDE - Gênero e

6 Reportagem do *Correio Braziliense* sobre o Projeto Diversidade na Escola http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/16/interna_cidadesdf,388249/conteudo-sobre-direitos-da-mulher-agora-e-obrigatorio-nas-escolas-do-df.shtml

7 Reportagem da TV Globo sobre o Projeto Diversidade na Escola <http://globo.com/rede-globo/bom-dia-df/t/edicoes/v/escolas-sao-obrigadas-a-ensinar-direito-da-mulher-nas-salas-de-aula/2843864/>

Diversidade na Escola (no dia 11/09/2013) e pela divulgação do trabalho juntamente com a Secretaria de Estado da Mulher do DF em seu portal (no dia 24/09/2013).⁸

Com relação aos docentes, foi dada uma palestra pela coordenação do projeto, chamada “Gênero na Escola”, que abordava toda a temática da diversidade, desde as questões de identidade de gênero, expressão de gênero, sexo biológico e orientação sexual. Vale ressaltar que as questões de raça são trabalhadas por meio da interseccionalidade, juntamente com outros dilemas de subordinação. O trabalho desenvolvido com professores é de grande importância, não só no que diz respeito ao conhecimento adquirido, mas pela aproximação da realidade vivida pelos alunos, para que atitudes racistas, sexistas e homofóbicas deixem de existir na realidade das escolas, reforçando a urgência de que esses discursos fomentadores de intolerância não sejam reproduzidos e ratificados em sala de aula.

As medidas tomadas até o momento pelo projeto Diversidade na Escola possibilitaram que algumas parcerias, que chamamos de redes externas, viessem a existir, são elas: Coordenação Regional de Ensino de Planaltina – DF, por meio da Pasta de Diversidade, onde está sendo criado coletivamente um seminário sobre Gênero e Raça que acontecerá no dia 10 de outubro de 2013, na FUP – UnB – Universidade de Brasília, para todos os Gestores, Coordenadores Pedagógicos, Coordenadores de Escola Integral e Orientadores Educacionais de Planaltina-DF (rede pública de ensino); outra parceria importante é com todo/as os/as Orientadores/as Educacionais, em que palestras voltadas às questões de gênero, sexualidade e raça e estudo dirigidos sobre esses temas são desenvolvidos pela coordenação do projeto “Diversidade na Escola” a fim de que o trabalho de Orientação Educacional seja voltado, de forma humana, baseado na equidade e respeito à diferença no atendimento aos/às alunos/as.

Uma das perspectivas que tem sido trabalhadas pelo projeto é a de que as pessoas não pertencem a uma só coletividade, e isso fica extremamente claro quando o assunto é gênero, sexualidade e raça, pois em vários momentos o cruzamento é verificado e faz com que o/a aluno/a se perceba na outra pessoa, ou seja, passa a ser norteado/a pelo princípio da alteridade. Essa interação contribui muito na busca do respeito, pois é uma forma de reconhecer o outro, também, como sujeito de direitos. Um fator que chama muito a atenção são as questões voltadas ao pertencimento, já que ao se reconhecer, se sentir pertencendo, os/as alunos/as passam a verificar determinadas questões, não como sujeitos externos, mas

⁸ <http://www.mulher.df.gov.br/noticias/item/2324-em-bras%C3%ADlia-direitos-da-mulher-agora-se-aprendem-na-escola.html>

como parte integrante da engrenagem. As palavras do poeta inglês John Donne ilustram de forma doce o sentimento de pertencimento, de se sentir parte de algo:

Nenhum homem é uma ilha isolada; cada homem é uma partícula do continente, uma parte da terra; se um torrão é arrastado para o mar, a Europa fica diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse a casa dos teus amigos ou a tua própria; a morte de qualquer homem diminui-me, porque sou parte do gênero humano. E por isso não perguntes por quem os sinos doam; eles doam por ti.

O projeto Diversidade na Escola é avaliado cotidianamente em vários pontos, desde a execução por parte dos/das professores/as, até a relação cotidiana dos/das alunos/as com a escola. Ressaltamos ainda que os/as alunos/as também são avaliados/as por meio das disciplinas que integram o projeto (Parte Diversificada/PD e Ensino Religioso/ER). Com relação aos conteúdos trabalhados, verificamos cotidianamente que grande parte dos alunos acabam aplicando aquilo que é aprendido na sua vivência, podemos ratificar tal afirmação na seguinte situação: No dia 07/04/2013, no Fantástico/Rede Globo, foi ao ar a matéria sobre uma Família que travava uma batalha na Justiça por direitos de criança transexual nos EUA. No dia seguinte, várias abordagens foram feitas pelos/as alunos/as, porém, dentro de uma óptica mais humana, mais equilibrada e tolerante, contribuindo para uma avaliação positiva do projeto.

O mesmo acontece com relação ao trabalho desenvolvido sobre a Lei Maria da Penha, em que já pode ser verificado um discurso mais afetivo com relação às mulheres e seus direitos. Com relação à lei, os/as alunos/as não a desvincula da figura da mulher “Maria da Penha”, reconhecendo nela grande importância, símbolo de luta e persistência, e reforçam os discursos da denúncia e da proteção: a lei Maria da Penha, na visão dos/as alunos/as, oferece segurança e coragem.

EMBASAMENTO TEÓRICO

Levar as questões relacionadas a gênero para dentro de sala de aula exige o conhecimento de algumas teorias e, ao mesmo, a compreensão de como tais questões se articulam no cotidiano da escola. O curso de extensão ministrado pela Universidade Brasília, “*GDE – Gênero e Diversidade na Escola*”, foi o primeiro grande passo para que alguns

professores do CEF 01 de Planaltina se sentissem habilitados para desenvolver em sala de aula projetos voltados a diversidade, mais precisamente Gênero, Sexualidade e Raça. A dinâmica do curso e seu material possibilitaram que outros caminhos fossem trilhados, como por exemplo sugestão bibliográfica e cinematográfica. Um novo mundo, com uma nova consciência, se apresentava.

Alguns teóricos contribuíram muito para que isso fosse possível: Dentre os que mais provocaram nosso projeto estão Michel Foucault, que, a partir dos seus estudos, propiciou uma melhor percepção da sexualidade e das relações de poder na esfera social. As abordagens sobre o universo dos transexuais, travestis e transgêneros (tema mais polêmico e mais explorado pelos/as alunos/as) encontraram em Berenice Bento respostas didáticas, claras e bem elaboradas. Ainda sobre as questões voltadas ao universo da sexualidade e gênero, encontramos na Teoria Queer, a partir das falas de Judith Butler e Guacira Lopes Louro, fornecendo argumentos fundamentais para a desconstrução de modelos que colocam pessoas pertencentes ao universo LGBTTTT em posição de completa desvantagem e fragilidade em uma sociedade baseada na heteronormatividade e no binarismo de gênero.

Com relação ao conteúdo voltado aos direitos das mulheres buscou-se, a partir da cartilha da Lei Maria da Penha, juntamente com filmes, músicas, reportagens e dados estatísticos, compreender como as mulheres eram vitimadas todos os dias dentro das relações de gênero. As aulas expositivas e com espaços de fala e produção proporcionaram aos/às alunos/as a possibilidade de trazer elementos de suas vivências. Todos os textos, filmes e recursos trabalhados, iam além de uma exposição de conteúdos, sendo devidamente articulados com as demandas das realidades diversas da escola. Era necessário que os/as alunos/as, de alguma forma, se reconhecessem e se sentissem contemplados dentro da proposta do projeto.

POTENCIAL DE IMPACTO

A implantação do Projeto Diversidade na Escola tem como principal direção extirpar do universo escolar e da sociedade, a homofobia, o sexismo e o racismo. Levando para o máximo de lugares possíveis a mensagem de que a partir da escola podemos trilhar caminhos mais justos, mais iguais e que respeitem os direitos das pessoas sem que suas diferenças representem um empecilho para que possam se realizar enquanto cidadãos e cidadãs na sociedade. Por esse motivo é arduamente construído com bases em uma educação que respeite os direitos humanos. A intenção de todo esse trabalho é fazer com que as pessoas, dentro do

ambiente escolar, entendam que é necessário e possível conviver com as diferenças, levando a todos/as visibilidade, amparo, afetividade, respeito, equidade, dignidade e informação.

RESULTADOS IMEDIATOS

Em oito meses de trabalho, o projeto Diversidade na Escola conseguiu mostrar para os/as alunos/as uma nova consciência. A grande maioria já aponta para uma visão mais justa de mundo no que diz respeito à convivência na escola. Com relação às questões das mulheres, principalmente com relação à lei, entendem a importância de se denunciar os agressores, falam dos seus dilemas, como suas vidas melhoraram a partir do uso da lei, se sentem mais seguras e mostram mais felicidade no cotidiano. Aos poucos estão tornando a escola um lugar muito melhor e da boa convivência,

As famílias também tem se manifestado de forma positiva, embora no primeiro momento tenham apresentado algum tipo de preocupação, por não entender a relevância dos temas trabalhados no projeto. As reuniões de pais/mães/responsáveis que ocorrem bimestralmente se tornaram um lugar de importância para que sejam feitas explicações do “*Diversidade na Escola*”, contribuindo assim com a aceitação por parte dos familiares dos/as alunos/as, ratificando a importância da participação da família na vida escolar dos estudantes.

PERSPECTIVAS DE CONTINUIDADE E SUSTENTABILIDADE DO TRABALHO

O “*Diversidade na Escola*” já faz parte do Projeto Político Pedagógico, portanto tem sua permanência garantida entre os projetos que continuarão estruturando o CEF 01 de Planaltina nos próximos anos. Cada dia que passa, os temas voltados às questões de Gênero vêm ganhando mais espaços dentro da sociedade. Da forma como as temáticas foram organizadas e estão sendo trabalhadas, no próximo ano letivo teremos a disposição necessária para tratar de tais assuntos com os que estão estudando pela primeira vez na escola e ao mesmo tempo a continuidade com aqueles que estão dando seguimento aos seus estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BENTO, Berenice. O que é transexualidade. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Mary Garcia, Gênero e Raça: desafios à escola. In: SANTANA, M.O. (Org) Lei 10.639/03 – educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação fundamental. Pasta de Texto da Professora e do Professor. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, 2005.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1 – A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 2 – O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 3 – O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

Lei nº 11.340/2006 – Lei Maria da Penha

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

ANEXOS



Atividades sobre gênero com a professora Mônica Bastos.



Atividades sobre gênero com a professora Verônica Araújo e Alexandre Magno - Gravação de DVD do curso de Extensão da UnB - Universidade de Brasília, Gênero e Diversidade na Escola.



Professora Verônica Araújo ministrando aula sobre a Lei Maria da Penha.



Aula sobre o direito das mulheres com a Secretária de Estado da Mulher do DF, Olgamir Amancia Ferreira.



Aula sobre o direito das mulheres com a Secretária de Estado da Mulher Olgamir Amancia Ferreira.



Entrevista com a aluna do Projeto “Diversidade na Escola” ao Bom Dia DF (Rede Globo) sobre os direitos das mulheres como tema obrigatório na Educação Básica do DF.



Entrevista com a aluna do Projeto “Diversidade na Escola” ao Bom Dia DF (Rede Globo) sobre os direitos das mulheres como tema obrigatório na Educação Básica do DF.



Foto extraída da matéria feita pelo Correio Braziliense sobre o Projeto “Diversidade na Escola” publicada no dia 16/09/2013.